

ANÁLISE DAS FORMAÇÕES COM –LOGO E –GRAFO SEGUNDO A MORFOLOGIA DERIVACIONAL

Roberto Botelho Rondinini¹

robertorondinini@hotmail.com

RESUMO: Este artigo analisa as formações X-logo e X-grafo, tipicamente consideradas composição via radicais eruditos, e admite uma reclassificação dos processos envolvidos, bem como da estrutura dos termos em questão (cf. Rondinini, 2004). Dessa forma, apresentamos as formações X-ólogo e X-ógrafo que se formam, na atualidade, por processos de derivação sufixal. Fundamentamos a análise nos pressupostos teóricos da Morfologia Derivacional, segundo Basílio (1980) e Villalva (2000). Evidenciamos as generalidades e especificidades dos grupamentos semânticos, estabelecendo Regras de Formação de Palavras e/ou Regras de Análise Estrutural, conforme a necessidade de cada grupo.

PALAVRAS-CHAVE: Morfologia Derivacional; Regras de formação de palavras (RFP); Regras de análise estrutural (RAE).

INTRODUÇÃO

A partir da constatação de que os processos de composição e derivação podem ser tratados sob a ótica de um *continuum* morfológico, tal como apresentado por Bybee (1985), propomos em Rondinini (2004) e Rondinini & Gonçalves (2006) que as construções terminadas em –logo e –grafo (como, por exemplo, ‘geólogo’ e ‘geógrafo’) poderiam não mais ser consideradas compostas na atualidade, tendo se deslocado no eixo do *continuum* por apresentar características derivacionais. Os indícios empíricos de que os formativos -logo e -grafo apresentaram modificações de comportamento ao longo dos séculos, conforme Amorim & Madeiro (2001) e Gonçalves (2004a), nos levaram:

¹ Universidade Federal do Rio de Janeiro/CNPq.

- a) a um estudo diacrônico, com a finalidade de investigar a trajetória histórica que levou os formativos a apresentarem comportamento de afixos e;
- b) a um estudo sincrônico, visando à formalização das Regras de Formação de Palavras (RFPs) e das Regras de Análise Estrutural (RAEs) envolvidas no processo de formação de construções do tipo X-logo e X-grafo.

Pretendemos, com o presente artigo, considerar e complementar os estudos diacrônicos já realizados sobre os formativos em questão (Amorim & Madeiro, 2001; Basílio, 1987; Gonçalves, 2004b; Madeiro, 2003, Rondinini, 2004 e Rondinini & Gonçalves, 2006) e assumimos, dessa forma, que –logo e –grafo, considerados tipicamente radicais eruditos formadores de palavras por composição, comportam-se, atualmente, como sufixos formadores de palavras pelo processo de derivação. Além disso, buscaremos evidenciar, ainda nesse artigo, uma modificação na estrutura de tais formativos para –ólogo e –ógrafo. Em Rondinini (2004), verificamos que até o século XIX, esses se uniam, preferencialmente, a bases presas e que passaram a se unir, nos últimos 108 anos (séculos XX e XXI), na maioria das vezes, a bases livres. Esse fato, aliado à elevada produção das formas X-ólogo e X-ógrafo, representaram os indícios iniciais de que os anteriormente considerados radicais –logo e –grafo não mais agiam como tal, aproximando-se do comportamento de sufixos. Dessa forma, os dados coletados em nossa pesquisa serviram como evidência empírica para as propostas de Bybee (1985) e Gonçalves (2004a), que consideram a existência de um *continuum* entre os processos morfológicos de flexão, composição e derivação.

Mais especificamente, objetivamos, neste artigo, realizar uma análise sincrônica de base gerativa em palavras como ‘biólogo’ e ‘biógrafo’ e, para tanto, iremos: (a) delimitar os grupos de palavras por afinidades morfo-sintático-semânticas, (b) formalizar as Regras de Formação de Palavras (RFPs), (c) formalizar as Regras de Análise Estrutural (RAEs) e (d) analisar a direcionalidade do processo: se ocorre do agente para a ciência ('antropólogo' – 'antropologia') ou vice-versa.

Fundamentamos nossa análise na morfologia derivacional de base gerativa de Aronoff (1976), Basílio (1980, 1987) e Villalva (2000), uma vez que esses autores apresentam importantes contribuições em relação a modelos anteriores, como o Estruturalista e o Gerativo Padrão. Com Aronoff, a morfologia derivacional passa a focalizar o estudo das palavras que um falante pode efetivamente criar, compreendendo que tal processo é parcial e diferente da criatividade em sintaxe, que apresenta caráter

total. Basílio apresenta um modelo em que RFPs não se fundamentam em bases compostas por palavras ou radicais, mas em elementos detectáveis por regras de análise estrutural (RAEs), admitindo variação categorial de bases e produtos. Esse é o modelo basilar de nossas análises. Já Villalva, delimita com maior precisão as bases (livres), podendo ser representadas por radicais de origem nominal, adjetival ou verbal.

Realizamos uma pesquisa empírica com dados coletados de fontes escritas e orais, tais como o dicionário Aurélio, o Jornal do Brasil e a revista Veja, além de situações diversas de interação comunicativa (conversas informais, programas de rádio e televisão). Nosso *corpus* foi constituído por 372 formações coletadas no período de março de 2003 a junho de 2004.

Iniciaremos nosso trabalho, explicitando alguns pontos importantes para o seu desenvolvimento, como a distinção entre bases presas e livres; a diferenciação de formas abstratas e concretas e a distinção semântica entre os agentes em -ólogo e -ógrafo. Em seguida, analisaremos separadamente os formativos.

Consideraremos, ainda, a direcionalidade das construções, a partir da formalização proposta por Basílio (1980) para expressar o relacionamento paradigmático obrigatório em formações com base presa. Evidenciaremos isso por meio do seguinte questionamento: seria o processo de formação de palavras que analisamos baseado na ciência ou no agente? Em outras palavras, é a partir do agente (como, por exemplo, geólogo) que se nomeia a ciência (geologia) ou o contrário é verdadeiro? Finalmente, verificaremos a eficiência da delimitação de bases do processo de formação de palavras estudado, segundo a proposta de Villalva (2000).

1. SOBRE O CONCEITO DE BASE LIVRE E BASE PRESA

Como a delimitação das condições das bases participantes dos processos de formação de palavras é de grande importância nos estudos morfológicos de fundamentação gerativa, uma das primeiras questões com a qual nos deparamos foi a de estabelecermos claramente o que seriam bases livres e bases presas. Propomos, então, critérios objetivos para definir e diferenciar tais tipos de bases. Assim sendo, consideramos presas as bases (a) que não têm livre curso na língua e (b) que participam apenas de construções morfológicamente complexas. Isso pode ser verificado nos exemplos apresentados em (02):

- (02) etólogo
aracnólogo
bibliólogo
necrólogo
dactilógrafo
histógrafo
doxógrafo
ofiógrafo

Notamos que bases como necr- e bibli-, além de não terem autonomia discursiva, nos termos de Bloomfield (1933), não participam como elementos básicos para a formação de palavras, aparecendo apenas em formações complexas, como, entre outras, ‘necrófilo’, ‘necrófobo’, ‘necrofilia’ e ‘biblioteca’, ‘bibliotecnia’, ‘bibliófilo’.

Já as bases livres são todas as formas (a) consideradas como ponto de partida para formação de outras palavras ou (b) que atuam como formas livres na língua, como apresentado em (03):

- (03) ovniólogo
musicólogo
urbanólogo
tipógrafo
museógrafo
pulsógrafo

Dos exemplos em (03), é importante destacar que (a) ‘ovni’ é uma forma que equivale a uma palavra plena na língua e (b) ‘music-’, ‘urban-’, ‘tip-’, ‘muse-’ e ‘puls-’, por serem radicais, poderiam, em uma primeira análise, ser consideradas bases presas, mas não o são, uma vez que representam os elementos-fonte para a constituição das formas livres não-complexas² exemplificadas em (04):

- (04) música

² São consideradas formas livres não-complexas as palavras simples do ponto de vista morfológico, sem derivação ou composição.

urbano
tipo
museu
pulso

Em outras palavras, estamos considerando livres as bases que possam ser diretamente vinculadas a uma palavra da língua. As presas, ao contrário, não se associam a palavras, aparecendo unicamente em itens lexicais derivados ou compostos.

Ao nos depararmos com o tipo de formações apresentado em (05), verificamos a necessidade de se associar um critério semântico ao critério formal, já apresentado anteriormente. Isso se deve à difícil categorização de tais dados, considerando-se apenas a forma das bases.

(05) rodólogo
bibliólogo
anemólogo
corógrafo
perspectógrafo

Definimos semanticamente a base, considerando sua relação com o sufixo, ou seja, formativos como ‘rod-’, ‘bibli-’, ‘anem-’, ‘cor-’ e ‘perspect-’ tiveram seus significados atribuídos a partir das definições em dicionário dos vocábulos ‘rodólogo’, ‘bibliólogo’, ‘anemólogo’, ‘corógrafo’ e ‘perspectógrafo’, uma vez que podem remeter, num primeiro momento, aos vocábulos *roda*, *bíblia*, *anemia*, *cor* (ou *coro*) e *perspectiva*, nos levando a classificar tais bases como livres.

Dessa análise, verificamos que os referidos formativos constituem bases presas, com exceção de ‘perspect-’, que se refere à *perspectiva*, conforme as seguintes relações semânticas associadas às condições formais já discutidas: rod- → rosa; bíbio- → livros, anem- → vento e cor- → descrição geográfica.

Assim sendo, constatamos que tais bases são presas, em alguns casos, devido à não-semelhança formal com os termos aos quais se referem, como no par ‘rod / rosa’ e, em outros casos, devido à sua etimologia, como em ‘anemo / vento’.

2. SOBRE A DEFINIÇÃO DE BASE CONCRETA E BASE ABSTRATA

Adotamos como parâmetro para divisão das bases livres em concretas e abstratas os conceitos apresentados por Bechara (1999:112-113). Dessa forma, são consideradas bases concretas aquelas que designam seres de existência independente e que nomeiam “pessoas, lugares, animais, vegetais, minerais e coisas”. Já as bases abstratas são aquelas que designam “ações, estado e qualidade, considerados fora dos seres, como se tivessem existência individual”. Apresentamos os exemplos em (06) a) e (06) b) a fim de ilustrar tal divisão:

(06) a) Bases concretas

oceanógrafo

brasilógrafo

bacteriólogo

hititólogo

b) Bases abstratas

sifilógrafo

tragediógrafo

sexólogo

achólogo

Feitos os esclarecimentos relativos à categorização das bases, analisamos, na seção seguinte, a semântica das construções X-ólogo e X-ógrafo, com vistas a estabelecer suas diferenças e semelhanças e agrupá-las para, posteriormente, apresentar a análise morfossintática dos grupos.

3. DISTINÇÃO SEMÂNTICA ENTRE –ÓLOGO E –ÓGRAFO

É inegável que a noção de *agente* se encontra estreitamente relacionada tanto a –ólogo quanto a –ógrafo, como pode ser inferido a partir dos exemplos em (05) e (06). Entretanto, percebemos a necessidade de se delimitarem com maior exatidão as diferenças semânticas entre eles, uma vez que os conceitos referentes às palavras formadas com tais sufixos apresentaram variações, levando-nos a agrupá-las separadamente.

Esse caminho analítico nos conduziu a dividir os dados de nosso *corpus*, considerando a) as diferenças entre as formações que apresentavam a mesma base e se ligavam aos dois formativos em questão e b) as possíveis diferenças semânticas entre os grupos de mesmo formativo. Como resultado, os agentivos relacionados a –ólogo foram

subdivididos em dois grupos – habituais e especialistas – e os agentivos em –ógrafo, ao contrário, foram todos classificados como peritos/práticos.

Ao analisarmos as palavras apresentadas em (07), notamos que todas se referem a especialistas de modo geral:

- (07) alergólogo
- fonoaudiólogo
- tecnólogo
- oceanógrafo
- demógrafo
- topógrafo

Entretanto, há uma tendência, em formações com –ógrafo, ao acréscimo de um caráter prático, instrumentador, à informação de especialista. Dessa maneira, o agente, além de ter conhecimento sobre o que a base específica, apresenta alguma atividade ou ação sobre um objeto ou aparelho, como percebemos em (08):

- (08) calígrafo
- estenógrafo
- mecanógrafo
- topógrafo
- estenodatilógrafo
- iconógrafo

Desses exemplos, notamos que a) ‘calígrafo’ é um especialista na arte de escrever à mão segundo determinadas regras e modelos, b) ‘estenógrafo’ é um indivíduo que estuda estenografia e executa a sua escrita e c) ‘mecanógrafo’ é aquele que estuda máquinas diversas e as fabrica, vende ou mantém³. Essas diferenças ficam mais evidentes quando se analisam palavras formadas pela mesma base e que ocorrem com os dois formativos, como detalharemos a seguir.

Primeiramente, verificamos termos como ‘geólogo’ e ‘geógrafo’, que apresentam grande semelhança semântica. Os sufixos apresentam o sentido de

³ Todos os conceitos apresentados ao longo do presente artigo foram pesquisados no “Dicionário Aurélio Eletrônico” (Ferreira, 1999)

especialista em ‘geologia’ e ‘geografia’, que significam, respectivamente, a ciência que estuda a) a origem e as sucessivas transformações do globo terrestre e da evolução do mundo orgânico; e b) a descrição da superfície da terra, dos seus acidentes físicos, clima, solo e vegetações, e as relações entre o meio natural e os grupos. As construções fazem referência, portanto, ao estudioso em X-ia, ao especialista em X-ia, sem diferenciar uma atividade mais prática ou intelectual que outra.

Outros pares, como ‘musicólogo’ e ‘musicógrafo’, já possuem uma distinção em termos de estudo e prática. ‘Musicólogo’ é definido como um músico erudito que se consagra aos assuntos musicais que não se referem propriamente à composição e à execução, mas à investigação histórica, acústica, estética e pedagógica da música. ‘Musicógrafo’, por sua vez, é o compositor de música ou o músico, aquele que compõe, toca e/ou canta.

Num terceiro nível dessa relação, estão, por exemplo, ‘biólogo’ e ‘biógrafo’. Notamos claramente uma distinção entre aquele que executa uma atividade intelectual e aquele que apresenta uma atividade mais prática. O ‘biólogo’ é o especialista em biologia, ou seja, é um estudioso dos seres vivos e das leis da vida. Já o ‘biógrafo’ é o autor de biografias, aquele que descreve a vida de uma pessoa. A ênfase de ‘biólogo’ está no trabalho intelectual, no estudo, na aquisição de conhecimento. E em ‘biógrafo’, além da pesquisa e da coleta de dados sobre a vida de uma pessoa, o foco do trabalho está na escrita, na execução de uma ação e na elaboração de um produto final.

Podemos destacar, ainda, termos como ‘dactilógrafo’, cujo sentido de especialista já quase não existe, restando, basicamente, a idéia de agente sobre um objeto. Como esse, temos os exemplos em (09), cujos sentidos também se referem basicamente ao caráter prático, pouco intelectual da atividade e que possuem, como outra característica em comum, o fato de não terem correspondentes em –ólogo.

- (09) tipógrafo
fotógrafo
epistológrafo⁴

⁴ É interessante destacar que o “Dicionário Aurélio Eletrônico” (Ferreira, 1999) apresenta, como sinônimo desse termo, a palavra ‘epistoleiro’, cujo sufixo nomeia profissões de baixo prestígio social, “de caráter primário, manual e que não exigem especialização ou educação formal” (cf. Gonçalves & Costa, 1997:28).

Fica evidente, dessa forma, uma distinção entre agentivos especialistas e agentivos especialistas-peritos, que se realiza em diferentes graus e que se encontra marcadamente presente nas formações em -ólogo e -ógrafo. Outros pares que evidenciam essa mesma distribuição aparecem em (10):

(10) a) Como ‘geólogo’ e ‘geógrafo’, temos:

‘brasilólogo’ – S. m. Brasilógrafo.

‘brasilógrafo’ – S. m. Especialista em brasilografia; brasilólogo.

b) Como ‘musicólogo’ e ‘musicógrafo’, temos:

‘siglólogo’ – S.m. Aquele que estuda as formas siglares.

‘siglógrafo’ – S.m. Aquele que registra, expõe e descreve formas siglares.

c) Como ‘biólogo’ e ‘biógrafo’, temos:

‘litólogo’ – S. m. Especialista no estudo da origem, transformações, estrutura, composição, etc., das rochas; litologista.

‘litógrafo’ – S. m. Aquele que grava, desenha ou imprime pelo processo litográfico⁵.

Finalmente, cabe destacar que os resultados encontrados a partir dessa análise estão estreitamente relacionados à própria etimologia dos formativos -ólogo e -ógrafo. Basta que recordemos os conceitos de ambos na língua grega para percebermos a associação com a atividade intelectual de ‘*logos*’, conceituado como “discurso, tratado, ciência”, e com a atividade de menor teor intelectual e mais prático de ‘*grapho*’, conceituado como “que escreve” (cf. Bechara, 1999: 376-7).

⁵ “Processo de gravura em plano, executado sobre pedra calcária, chamada pedra litográfica, ou sobre placa de metal (em geral, zinco ou alumínio), granidas, e baseado no fenômeno de repulsão entre as substâncias graxas e a água, usadas na tiragem, o qual impede que a tinta de impressão adira às partes que absorveram a umidade, por não terem sido inicialmente cobertas pelo desenho, feito também a tinta oleosa” (cf. Ferreira, 1999).

4. AS FORMAÇÕES X-ÓLOGO

Nas seções anteriores, explicitamos alguns pontos importantes para o desenvolvimento de nosso trabalho, como a distinção entre bases presas e livres; a diferenciação de formas abstratas e concretas e a distinção semântica entre os agentes em -ólogo e -ógrafo. Nesta seção, analisamos as formas em -ólogo, delimitando, primeiramente, as diferenças semânticas existentes entre os agentivos e, em seguida, apresentamos as RFPs e/ou RAEs referentes a cada grupo, comentando as especificidades e as generalizações observadas.

4.1 SOBRE A DIVISÃO DOS AGENTES EM ESPECIALISTAS E HABITUAIS

Um ponto a ser esclarecido no estudo dos significados dos sufixos se refere à distinção que fizemos na análise de -ólogo. Dividimos os agentes em especialistas e habituais e, para tanto, propomos a existência de duas RFPs diferentes para cada grupo.

Embora tenhamos a mesma categorização de agente para os dois conjuntos de dados analisados, depreendemos algumas características que nos levaram a considerá-los como oriundos de processos diferentes. Em termos semânticos, o agente especialista apresenta tipicamente a noção de profissional estudioso (ou apenas estudioso) no assunto especificado pela base, como vemos em (11).

(11)	etruscólogo	biólogo
	urbanólogo	alergólogo
	egiptólogo	arqueólogo
	diabetólogo	geólogo
	criminólogo	antropólogo
	cosmólogo	oftalmólogo

Já os agentes habituais apresentam uma extensão de significado. Apresentam a noção de especialista, notadamente com caráter irônico, representando muito mais uma idéia de avaliador apreciador daquilo que a base especifica. Além desse caráter irônico e avaliativo-apreciativo, percebemos também valor pejorativo da noção originalmente apresentada em agentes especialistas.

- (12) cervejólogo
- bolólogo
- beijólogo
- barrigólogo
- ficólogo
- achólogo
- chocólogo

Termos como ‘barrigólogo’, certamente não apresentam a noção de um estudioso em barrigas com fins científicos⁶. A noção de habitualidade também está estreitamente relacionada a todos esses agentes, uma vez que a avaliação e a apreciação se processam por intermédio da habitualidade. Assim sendo, ‘cervejólogo’ é aquele que não só aprecia a cerveja, no sentido de considerá-la uma bebida agradável, mas também aquele que a bebe habitualmente, a aprecia com frequência e sabe diferenciar uma marca da outra, uma vez que é também entendedor.

Um outro fator que corrobora nossa análise se refere às características das bases dos agentes habituais. Enquanto nos agentes especialistas as bases podem ser livres ou presas, somente bases livres constituem nossas formações de apreciadores, como percebemos em (12). Além disso, temos não somente substantivos ou adjetivos como categorias das bases, mas também verbos, como é o caso de ‘achólogo’ e ‘ficólogo’, provenientes dos verbos ‘achar’ e ‘ficar’, respectivamente.

Por fim, a relação com as formas X-ia, presente geralmente com formações X-ólogo, não ocorre com tais agentes habituais. Não há ciências específicas que tratem de cerveja, beijo, barriga ou bolo. A criação de tais ciências se daria em termos também irônicos ou pejorativos. O vocábulo ‘achólogo’ provém do uso pelo Deputado Estadual João Paulo, em programa da TV Alerj, ao se referir a um relatório técnico elaborado pelo gabinete da Governadora do Rio de Janeiro baseado em ‘Achologia’, numa clara referência à falta de qualidade e fundamentação técnica na confecção do documento.

Por esses motivos, optamos por descrever as formações em –ólogo a partir de duas diferentes Regras de Formação de Palavras, a exemplo do que fez Marinho (2004), para os agentivos em –eiro, e Miranda (1979), para os agentivos em –ista.

⁶ O termo foi utilizado durante uma entrevista com uma modelo que tinha passado por dez cirurgias de lipoaspiração. Devido a sua experiência, a modelo se auto-denominava ‘barrigóloga’, uma vez que passou a conhecer todos os pormenores dessa parte do corpo.

4.2 AGENTE ESPECIALISTA

A definição do grupo como “agente especialista”, em lugar de “agente profissional”, como propõem Gonçalves & Costa (1997), se deve ao fato de alguns dados não se referirem especificamente a pessoas que atuem na área relativa à ciência estudada como um ofício, como um trabalho, mas apenas a pessoas que se dedicam ao estudo de determinado assunto. Em ambos os casos, os agentes são especialistas. Exemplificamos tal diferença entre especialistas profissionais e especialistas estudiosos em (13):

(13) Profissionais	Estudiosos
museólogo	demonólogo
biólogo	gnomólogo
antropólogo	runólogo
arqueólogo	camonólogo
fonoaudiólogo	ufólogo
psicólogo	ovniólogo

Como se vê, os dados da segunda coluna fazem referência a agentes que apenas estudam os assuntos especificados na base, não representando profissões, enquanto os dados da primeira coluna representam termos que nomeiam claramente profissionais que se dedicam ao que a base especifica.

Na designação de agente especialista, o sufixo –ólogo apresenta o significado de “especialista naquilo que a base especifica” ou “especialista em X-ia”. Assim, uma forma como ‘planetólogo’ é genericamente interpretada como “especialista em planetologia”, ou “especialista no estudo dos planetas”. Suas bases podem ser presas ou livres, sendo que a maioria dos termos é de base presa. Dos 159 agentes estudados, 92 são de base presa e 67 de base livre; 75% das bases livres são concretas⁷. Como apenas três quartos das bases livres apresentaram o traço [+ concreto], e a maioria das formas são constituídas de bases presas, consideramos que não há nem generalização suficiente, que justificasse o uso dessa informação na RFP correspondente, nem possibilidade de se

⁷ Devido ao grande quantitativo de dados coletados, não anexamos ao presente artigo nenhuma listagem com as informações obtidas. A lista completa pode ser consultada em Rondinini (2004).

analisar o traço [\pm concreto] em dados com bases presas, muitas delas extremamente opacas como ‘paremi-’, ‘saur-’, ‘dox-’ ou ‘erg-’.

As bases são predominantemente representadas por substantivos, havendo apenas seis formações com bases adjetivas⁸. Dessa forma, temos, no processo de formação de agentivos especialistas em X-ólogo, bases nominais. O grupo mostra-se produtivo, com 38% das palavras formadas nos séculos XX e XXI⁹ (58, num montante de 155 dados). Essas generalizações nos levaram a propor a RFP (14) e a RAE (15) para os agentivos especialistas:

(14) $[X]_{(S)} \rightarrow [[X]_{(S)} \text{ólogo}]_S$
“especialista em X-ia”

(15) $[[X]_{(S)} \text{ólogo}]_S$
“especialista em X-ia”

A RFP (14) demonstra que as bases constituintes do processo analisado podem ser livres ou presas (daí os parênteses em (S)) e pertencem à categoria dos substantivos, produzindo *outputs* também substantivos com significado de “especialista em X-ia”. Na RAE correspondente, percebemos que a estrutura prototípica das formas em –ólogo se processa pelo acréscimo desse sufixo a uma base livre ou presa de categoria substantiva.

Cabe destacar, ainda, que a única formação que não apresenta –ólogo em sua constituição é ‘penálogo’, cujo significado é “especialista em uma parte da ciência penal”, tendo, portanto, como base a forma livre ‘penal’. Isso justifica o fato de não se formar a palavra ‘penalólogo’, uma vez que a seqüência de elementos similares dentro de um vocábulo, nesse caso *-lo-*, leva à contração de um deles, constituindo o fenômeno da haplologia. De maneira análoga, Villalva (2000:165) destaca exemplos de haplologia na formação de palavras com o sufixo –oso, como em ‘bondoso’ e ‘caridoso’, em que a seqüência ‘da’, de ‘bondade’ e ‘caridade’, é suprimida, evitando-se, assim a formação de termos como ‘bondadoso’ e ‘caridadoso’, respectivamente.

⁸ As formações de base adjetiva são ‘africanólogo’, ‘asianólogo’, ‘assiriólogo’, ‘cardiólogo’, ‘urbanólogo’ e ‘penálogo’. Tais bases também podem ser utilizadas como substantivos, o que não descaracterizaria a RFP proposta.

⁹ Foram descontados, para realização desse cálculo, todos os empréstimos.

4.3 AGENTES HABITUAIS

Esse grupo, embora constituído por um pequeno número de dados (total de 10 ocorrências), possui elevada produtividade¹⁰, tendo sido composto totalmente por palavras coletadas nos séculos XX e XXI. Todas as formas apresentam bases livres, que podem pertencer tanto à categoria de verbos quanto à de substantivos e podem ser tanto concretas quanto abstratas, não havendo, desse modo, generalização quanto à categoria lexical da base. Os produtos da RFP não apresentam correspondência com nenhuma ciência. A seguir, são apresentadas em (16) e (17), respectivamente, a RFP e a RAE desse grupo:

(16) [X]_{S/V} → [[X]_{S/V} ólogo]_S
“entendedor de X”

(17) [[X]_{S/V} ólogo]_S
“entendedor de X”

A RFP (16) generaliza o fato de formarmos novas palavras em –ólogo a partir de bases livres verbais ou substantivas. Esse processo se mostra extremamente produtivo, uma vez que todas as formações apresentadas podem ser consideradas recentes.

4.4 FORMAÇÕES ISOLADAS

O grupo das formações isoladas caracteriza-se por nomear diversos objetos, ações, qualidades, agentes que não são nem profissionais, nem habituais, como, ‘catálogo’, ‘monólogo’, ‘homólogo’ e ‘micrólogo’, respectivamente. Todos possuem base presa, não sendo relevante a informação da concretude/abstração das bases. Além disso, foram incorporados à língua nas suas fases iniciais de formação (a partir do século XIII), não sendo, portanto, um grupo produtivo na atualidade.

¹⁰ Em estudos posteriores, verificamos que termos em –ólogo, na concepção de agentes habituais, são bastante produtivos em ambientes eletrônicos, sendo utilizados, principalmente, com fins pejorativos, irônicos ou humorísticos.

Dos 15 dados coletados, notamos que apenas ‘trólogo’ formou-se no século XX, provavelmente devido à analogia com ‘diálogo’, cujo significado original no grego era de “fala entre duas pessoas” e, por extensão, “conversação entre muitas pessoas” (Cunha, 1991: 261-262). Como ‘trólogo’ possui o significado de “conversação entre três pessoas” e o prefixo tri- é de grande uso na língua portuguesa, remetendo ao número três, assim como uni-/mono- e bi-/di-/dia- remetem a um e a dois, respectivamente. Consideramos que tal vocábulo não estaria propriamente enquadrado como formativo em -ólogo, mas teria seus constituintes especificados pela relação com a forma ‘diálogo’, de acordo com a quarta proporcional apresentada em (18). Isso explica, também, o motivo pelo qual ‘trólogo’ não apresenta a conformação do sufixo -ólogo, embora tenha sido cunhado no século XX.

(18) dois : diálogo :: três : X, donde X = trólogo.

Seguindo o mesmo raciocínio, também ‘monólogo’, cuja entrada na língua está registrada em 1858, seria formado pelo mesmo mecanismo de ‘trólogo’ e não se enquadraria nesse grupo, restando 13 dados, listados em (19):

(19) antólogo	apólogo
análogo	catálogo
diálogo	epílogo
eucólogo	heterólogo
homólogo	isólogo
micrólogo	prólogo
quincálogo	

Desses dados, temos sete empréstimos diretos do latim, o que explica o fato de os cinco primeiros termos, listados em (20) a seguir, não serem constituídos por X-ólogo, mas por X-logo.¹¹ Essas formas latinas, bem como suas datas de entrada na língua, são as seguintes:

¹¹ A análise desses dados, no português contemporâneo, nos leva a considerar as construções provenientes de empréstimos como indecomponíveis morfologicamente (cf. Villalva, 2000), uma vez que essas palavras são introduzidas no léxico já prontas e o falante não é capaz de identificar os elementos constituintes. O falante também não é capaz de identificar o significado das partes e, dessa maneira, formações como ‘prólogo’, ‘epílogo’, ‘análogo’ mostram-se com elevado grau de opacidade, além de,

(20)	<u>análogo</u>	século XVII
	<u>catálogo</u>	século XVI
	<u>diálogo</u>	século XIV
	<u>epílogo</u>	século XVI
	<u>quincálogo</u>	século XVII
	apólogo	século XVII
	prólogo	século XIII

A partir das generalizações observadas, propomos a seguinte RAE (21) para representar os vocábulos pertencentes a esse grupo:

(21) [X-logo]_s

A representação feita em (21) é de uma RAE isolada, que generaliza o fato de formas terminadas em –logo serem categorizadas como substantivos. Os dados apresentados nesta seção não possibilitam explicitar a categoria lexical da base e o produto não apresenta um significado constante.

5. FORMAÇÕES X-ÓGRAFO

Da mesma forma que na seção anterior, apresentaremos a análise referente às formas X-ógrafo, explicitando as generalizações observadas, bem como as especificidades de cada grupo analisado.

5.1 AGENTES PERITOS

O total de itens analisados nesse grupo foi de 103, sendo 32 formas de base livre e 71 de base presa. As bases livres são 100% constituídas por substantivos e 78% de tais

muitas vezes, não seguirem o mesmo padrão de formação, com o elemento [ó] antecedendo –logo e –grafo.

bases são concretas. Analogamente às formas de agente especialista em X-ólogo, não foi relevante o traço [\pm concreto].

Algumas formações com base presa não apresentaram a seqüência -ógrafo nas suas constituições por serem empréstimos do francês, conforme demonstramos em (22), com as respectivas datas de entrada na língua portuguesa:

- (22) calígrafo século XIX
epígrafo século XIX
estratígrafo século XIX
polígrafo século XIX
serígrafo século XX

Entendemos que esse grupo é produtivo porque existe um contingente razoável de dados recentes com o significado em questão. Por esse motivo, propomos a RFP (23), com a RAE correspondente em (24), para dar conta tanto do fato de novas palavras poderem ser formadas a partir da estruturação interna dos itens lexicais já existentes.

- (23) $[X]_{(S)} \rightarrow [[X]_{(S)} \text{ ógrafo}]_S$
“perito em X-ia”

- (24) $[[X]_{(S)} \text{ ógrafo}]_S$
“perito em X-ia”

Dessa maneira, temos especificado que tanto as bases livres quanto os produtos da RFP (23), relativa a esses agentes, são substantivos, sendo possível também a formação de palavras com bases presas com o acréscimo do sufixo -ógrafo.

5.2 INSTRUMENTOS

Seguindo o mesmo padrão do grupo de agentes, o conjunto de dados relativos a instrumentos exhibe comportamento semelhante ao apresentado no grupo anterior: suas bases podem ser livres ou presas, sendo todas as bases livres pertencentes à categoria ‘substantivo’, e formam produtos também substantivos que nomeiam o “aparelho que mede ou registra X”, com X sendo definido pela base. O grupo apresenta elevada

produtividade, com 65% das palavras formadas nos séculos XX e XXI (44 dos 68 dados). Aqui, também não foi relevante a informação sobre a concretude/abstração das bases.

Foram analisadas 19 formações de base livre e 49 de base presa. Dois termos apresentaram a seqüência -ígrafo, em lugar de -ógrafo, sendo ambos empréstimos do francês no século XIX; são eles ‘políígrafo’ e rafíígrafo’. A seguir, são apresentadas a RFP em (25) e a RAE em (26) representativas desse grupo:

(25) [X]_(s) → [[X]_(s) ógrafo]_s

“instrumento que mede ou registra X”

(26) [[X]_(s) ógrafo]_s

“instrumento que mede ou registra X”

5.3 FORMAÇÕES ISOLADAS

O grupo das formações isoladas é constituído por (a) formações substantivas que nomeiam coisas e lugares, como ‘autógrafo’ e ‘postígrafo’, (b) formações adjetivas, como ‘ágrafo’ e ‘homofonógrafo’ e (c) formações que tanto podem atuar como adjetivos quanto substantivos, como ‘homógrafo’ e heterógrafo’. Todas as formas são de base presa, perfazendo um total de 17 itens analisados.

‘Síngrafo’, ‘parágrafo’ e ‘telégrafo’, como nos demais grupos, não apresentam conformação -ógrafo por serem empréstimos do latim (os dois primeiros) e do francês (o último). Esse não é produtivo, uma vez que a maioria das formas é opaca. Há, nesse grupo, 42% de empréstimos, apresentando apenas três formações nos séculos XX e XXI, de um total de 17 dados registrados com data de entrada na língua a partir do século XIV, como é o caso de ‘Hagiógrafo’. Dessa forma, não propomos RFP para o grupo em questão; apenas uma RAE especificada em (27):

(27) [X-grafo] _{s / Adj}

A representação da RAE isolada (27) generaliza o fato de as formas terminadas em -grafo serem categorizadas como substantivos ou adjetivos, não sendo possível

estabelecer a categoria lexical das bases nem um significado constante para as entradas lexicais.

6. SOBRE A IDENTIFICAÇÃO DAS BASES PRESAS E A DIRECIONALIDADE DO PROCESSO

Nos termos de Basílio (1980), processos de formação de palavras podem envolver tanto bases livres quanto presas. Para que as bases de nossos grupos fossem delimitadas, realizamos um procedimento similar ao da autora no estudo das formações X-ico, conforme apresentamos a seguir, embora já seja evidente que nossos dados compreendam essas duas categorias de bases.

Primeiramente, evidenciamos a formação de termos X-ólogo e X-ógrafo a partir de bases livres, conforme exemplificado em (28). Tais exemplos mostram que uma mesma base pode formar palavras com um dos sufixos estudados ou com os dois, permanecendo a base sempre livre.

(28) Base livre	X-ólogo	X-ógrafo
planeta	planetólogo	planetógrafo
léxico	lexicólogo	lexicógrafo
hino	hinólogo	hinógrafo
barômetro		barometrógrafo
flanela		flanelógrafo
espectro		espectrógrafo
cerveja	cervejólogo	
chocolate	chocólogo	
peste	pestólogo	

Outras formações podem, de maneira análoga, apresentar bases presas, como se vê nos exemplos em (29). Esses dados evidenciam que formas X-ólogo e X-ógrafo com bases presas são opacas. É possível que o falante infira o significado do todo, mas, por outro lado, é pouco provável que o falante consiga precisar todo o significado da construção:

(29) Base Presa	X-ólogo	X-ógrafo
histere-	histereólogo	histereógrafo
icti-	ictiólogo	ictiógrafo
herpet-	herpetólogo	herpetógrafo
rur-		rurógrafo
fleb-		flebógrafo
mi-		miógrafo
euc-	eucólogo	
edaf-	edafólogo	
pant-	pantólogo	

A delimitação dos formativos em (29), segundo Basílio (1980), se processa por meio do estabelecimento de relações lexicais paradigmáticas, capazes de depreender com precisão os constituintes das palavras que não são formadas por bases livres. Dessa maneira, estabelecemos uma evidente relação entre as formas que denominam agentes especialistas e as suas respectivas ciências, conforme demonstramos em (30) a seguir:

(30) Ciência	Agente
<u>farmac</u> ologia	<u>farmac</u> ólogo
<u>mit</u> ologia	<u>mit</u> ólogo
<u>fonoaudi</u> ologia	<u>fonoaudi</u> ólogo
<u>fil</u> ologia	<u>fil</u> ólogo
<u>ge</u> ografia	<u>ge</u> ógrafo
<u>ocean</u> ografia	<u>ocean</u> ógrafo

Dos exemplos em (30), depreendemos, após análise, os segmentos que compõem a base dos termos (parte sublinhada da palavra) e, conseqüentemente, os seus sufixos. Verificamos a generalização do uso de uma vogal média posterior (em negrito), que é fechada ([ô]) em todas as ciências e aberta ([ó]) em todos os agentivos. Em nossas análises, verificamos que todos os agentivos recentes do português apresentam vogal aberta, o que demonstra cristalização de seu uso, com exceção das palavras provenientes de empréstimos. Isso nos levou a considerá-lo como componente dos sufixos e, dessa maneira, passamos a denominá-los -ólogo/ -ógrafo e -ografia/-ologia.

A formalização proposta por Basílio (1980) para expressar o relacionamento paradigmático obrigatório em formações com base presa se verifica, em nosso estudo, como demonstrado em (31) a) e b):

- (31) a) [X-ologia] \leftrightarrow [Xólogo]
b) [X-ografia] \leftrightarrow [X-ógrafo]

Cumpramos ressaltar que X-ologia denomina ciências ou tratados, na maioria esmagadora dos dados, como se observa em ‘geologia’ e ‘fonologia’. No caso de X-ografia, ao contrário, as formas devem ser entendidas não somente como ciências, mas também como (a) processos e objetos produzidos por esses processos (‘fotografia’ e ‘litografia’), (b) arte (‘coroografia’ e ‘iconografia’), (c) estudo e descrição (‘corografia’ e ‘hagiografia’), e (d) obra e produto (‘biografia’ e ‘radiografia’), entre outras acepções.

A relação paradigmática estabelecida em (31) nos levou a considerar a direcionalidade dessas construções através do seguinte questionamento: seria o processo de formação de palavras que analisamos baseado na ciência ou no agente? Em outras palavras, é a partir do agente que se nomeia a ciência ou o contrário é verdadeiro?

Do ponto de vista prático, percebemos que a pressuposição básica é a de que se há uma ciência, há, necessariamente, um cientista ou um estudioso que se dedicou a sua criação, sugerindo uma direcionalidade agente \rightarrow ciência. Do ponto de vista lexical, o termo que denomina o agente estudioso de uma ciência somente pode ser criado a partir do momento em que se denomina a própria ciência, invertendo, assim, a direcionalidade do processo. Mais especificamente, ao considerarmos critérios morfológicos na constituição dos termos, verificamos que o sufixo -ologia se compõe de -ólogo + -ia, sendo, nos termos de Villava (2000: 110-111), uma estrutura morfológica constituída de uma estrutura morfemática complexa: o morfe que representa o agente (-ólogo) precede o que indica a ciência (-ia).

A análise dos dados, no entanto, revelou a existência de lacunas na relação especificada em (31), o que não enfraquece a proposta de Basílio (1980) para a especificação das bases, uma vez que a autora não faz referência sobre a necessidade de 100% de correspondência entre os dois conjuntos de dados relacionados. Em (32) a) e b), apresentamos as lacunas observadas nos dois sentidos:

(32)	a)	Agente	Ciência
		urbanólogo	???
		pantólogo	???
		campanólogo	???
		hagiólogo	???
		paremiógrafo	???
		siglógrafo	???
		tragediógrafo	???
		linotipógrafo	???
	b)	Agente	Ciência
		???	astrobiologia
		???	eletrobiologia
		???	cinologia
		???	cenologia
		???	bibliotecologia
		???	codicologia
		???	insetologia
		???	astrobiologia
		???	etiologia
		???	doxologia
		???	patologia
		???	talassografia
		???	potamografia

A existência de tais lacunas, no entanto, indica que a determinação de uma direcionalidade relativa ao processo de formação das palavras que denominam ciência e agente não se sustenta, uma vez que os processos são estreitamente relacionados, mas não necessariamente dependentes. A existência de um termo com –ologia e -ografia que denomine uma ciência não pressupõe a existência obrigatória de um agente em –ólogo e –ógrafo e o inverso também se mostra verdadeiro. Basílio (1980) destaca, ainda, que o caráter marginal, pouco usual e opaco de determinados agentes também impede que se considerem as formações X-ia baseadas em tais agentivos.

Villalva (2000:157-158;165) também encontra lacunas na relação entre as formas em –ismo e –ista, além de –eiro e –aria, e contesta a afirmação de Rio-Torto (1986:341) de que as formas de base para as construções X–aria sejam palavras formadas por –eiro.

Até o momento, procuramos deixar claro o modelo proposto por Basílio (1980) para a delimitação das bases presas nos vocábulos estudados, além de discutir aspectos relativos à direcionalidade do processo de formação. Pretendemos, ainda, verificar em que aspectos a proposta de Villalva (2000) se mostra eficiente na delimitação de bases, uma vez que a autora propõe condições para o estabelecimento das mesmas, afirmando que apenas radicais podem constituir bases de processos de sufixação deadjetival, denominal ou deverbal.

Já constatamos que as relações lexicais paradigmáticas contêm lacunas, que, segundo Villalva (2000), impedem que uma forma seja base de outra. No entanto, falta apresentarmos o que a autora considera na definição das bases dos processos em questão. Em nossos dados, encontramos bases de origem adjetival, nominal e verbal, como demonstram os exemplos em (33):

(33)	Bases/Radicais	Formas simples	Termos em –ólogo/-ógrafo
	futur _{RAD}	futuro _N	futurólogo
	Brasil _{RAD}	Brasil _N	brasilólogo
	metal _{RAD}	metal _N	metalógrafo
	epístol _{RAD}	epístola _N	epistológrafo
	african _{RAD}	africano _{ADJ}	africanólogo
	penal _{RAD}	penal _{ADJ}	penólogo
	urban _{RAD}	urbano _{ADJ}	urbanólogo
	ach _{RAD}	achar _V	achólogo
	fic _{RAD}	ficar _V	ficólogo

Dessa forma, os radicais têm sua categoria sintática determinada pela categoria sintática das palavras simples em que ocorrem (radicais nominais – RN; radicais adjetivais - RADJ e radicais verbais - RV), cuja formalização é demonstrada em (34):

- (34) futur_{RN}
 Brasil_{RN}
 metal_{RN}
 epístol_{RN}
 african_{RADJ}
 penal_{RADJ}
 urban_{RADJ}
 ach_{RV}
 fic_{RV}

A autora não faz referência à formalização dos termos que apresentam radicais presos, uma vez que analisa processos morfológicos que operam em bases livres, como as construções X-eiro e X-ncia. No caso das formas presas analisadas neste trabalho, podemos assumir, com base em Villalva (2000), que tais elementos são radicais, muito embora não haja condições de estabelecer sua categorização sintática, uma vez que eles não se vinculam a palavras da língua.

Podemos inferir, amparados na análise de Villalva (*op. cit.*), que o que aproxima e compõe as relações paradigmáticas propostas por Basílio (1980) são justamente os tipos de bases e não suas eventuais semelhanças semânticas e morfológicas, que, como vimos, indicam caminhos opostos no que se refere à direcionalidade dos processos. Esse fato reforça a noção de que os conjuntos de dados analisados são relacionados, mas independentes, possuindo em comum, na visão de Villalva (*op. cit.*), apenas a seleção de um mesmo tipo de base.

O fato de que as formações X-ólogo e X-ógrafo acessam radicais (e não palavras ou temas) se sustenta ainda mais nas formações que denominamos de agentivas habituais. Como vimos em 4.3, esse grupo é caracterizado pela presença de duas bases verbais: ‘achar’ e ‘ficar’. Nos agentes correspondentes, não foi utilizado o tema, como ocorre com a grande maioria das formações deverbais, como X-dor, X-ção e X-nte. No caso em questão, foi utilizado o radical: ‘achólogo’ e ‘ficólogo’.

Concluindo, podemos afirmar que as formações em questão se processam a partir de radicais – sejam eles livres ou presos – que se colocam à esquerda dos sufixos denominais –ólogo e –ógrafo. No caso da eventual correspondência com X-ia, assumimos a possibilidade de interação via relações lexicais paradigmáticas, nos termos

de Basílio (1980), mas julgamos irrelevante a direcionalidade, já que consideramos distintos os dois processos.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analizamos, neste artigo, os formativos –ólogo e –ógrafo considerando aspectos semânticos e morfossintáticos.

No que se refere ao aspecto semântico, percebemos que o conceito atribuído a formações em –ólogo apresentaram estreita relação com seu significado original, havendo nitidamente o sentido de “estudioso ou especialista”. Já –ógrafo tende a uma modificação no seu sentido original, especializando-se, atualmente, na nomeação de instrumentos, como indiciam (a) a maior produção do grupo que designa “instrumento” e (b) o decréscimo na produção de “agente perito”, fato ocorrido nos séculos XX e XXI.

Embora, em um primeiro momento, tenhamos entendido que –ólogo e –ógrafo nomeavam prototipicamente “agentes profissionais”, os dados nos mostraram especificidades que nos levaram a delimitar mais precisamente esse conceito. Dessa maneira, optamos por denominar os agentes em –ólogo como “especialistas” ou “habituais” e os agentes em –ógrafo como “peritos”.

A delimitação dos grupos de afinidades semânticas nos conduziu ao estabelecimento de formalizações que captassem as generalizações morfossintáticas observadas nesses conjuntos de dados, o que se concretizou com a representação de RFPs e RAEs para os grupos produtivos e de RAEs para os grupos não-produtivos, conforme proposta teórica de Basílio (1980).

Em termos morfológicos, enfatizamos a repetição sistemática da vogal posterior aberta [ó] antecedendo os formativos –logo e –grafo nos termos cunhados em português. Tal constatação nos fez considerar tal segmento, na atualidade, como pertencente aos sufixos, uma vez que, independentemente da constituição da base com que –logo e –grafo se unem, a vogal que ocupa a referida posição é sempre a mesma ([ó]). Semelhante constatação foi feita para os formativos correspondentes –logia e –grafia, com a diferença de a vogal pertencente à referida posição não mais ser a posterior aberta [ó], mas a posterior fechada [o].

Verificamos que o processo relacionado aos sufixos em questão forma tipicamente substantivos, provenientes de bases presas e livres, de origem nominal,

adjetival e verbal. A delimitação das bases foi analisada segundo (a) a proposta de Basílio (1980), por intermédio do estabelecimento de relações paradigmáticas no léxico, para bases presas, e de RFPs, para bases livres; e (b) a proposta de Villalva (2000), em que a autora generaliza o fato de as bases serem radicais de origem nominal, adjetival ou verbal. Notamos que a proposta de Villalva (*op. cit.*) representa um refinamento em relação à proposta de Basílio (1980), uma vez que realiza uma generalização que delimita com maior precisão as bases (livres), conforme pudemos observar na análise de nosso *corpus*.

Também detectamos que o sufixo –ólogo apresenta uma generalidade maior que o sufixo –ógrafo, evidenciada não somente pela elevada produção no grupo prototípico de agentes especialistas, mas também pela existência do grupo de agentes habituais, uma vez que seus vocábulos podem ser formados a partir de palavras pertencentes a três categorias gramaticais (verbos, adjetivos e substantivos) e, além disso, esse grupo atende a inúmeras e diferenciadas necessidades comunicativas, sendo de grande possibilidade de uso na língua. Por sua vez, notamos que o sufixo –ógrafo apresenta uma tendência à modificação da semântica prototípica, passando a denominar instrumentos, o que diminui seu teor de generalidade. Chegamos, assim, ao término de nossas considerações e esperamos ter trazido, com o presente artigo, contribuições para os estudos morfológicos de base gerativa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ALI M. S. *Gramática histórica da língua portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos, 1996.
2. ALVES, J. B. *Morfopragmática das formações truncadas no português do Brasil*. Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: UFRJ/ Faculdade de Letras, 2002.
3. AMORIM, A.; MADEIRO, G. *Agentivos denominais em –logo e –grafo: percurso histórico*. Comunicação apresentada na JIC da UFRJ. Rio de Janeiro: UFRJ/Faculdade de Letras, p. mimeo, 2001.
4. ARONOFF, M. Word formation in generative grammar. *Linguistic Inquiry*. Monography I. Cambridge: The MIT Press, 1976.

5. BASÍLIO, M. *Estruturas Lexicais do Português: Uma abordagem gerativa*. Petrópolis:Vozes, 1980.
6. _____. *Teoria lexical*. São Paulo: Ática, 1987.
7. _____. *Produtividade e função nos processos de formação de palavras*. Trabalho-tema do GT de morfologia da ALFAL. Campinas, p. mimeo, 1990.
8. _____. “O princípio da analogia na constituição do léxico: regras são clichês gramaticais.” In: *Veredas*, 2 (1):9-23. Juiz de Fora: editora da UFJF, 1997.
9. BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.
10. BLOOMFIELD, L. *Language*. Londres: George Allen & Unwin, 1933.
11. BUENO, F. da S. *Grande dicionário etimológico-prosódico da língua portuguesa*. São Paulo: Lisa, 1988.
12. BYBEE, J. *Morphology*. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.
13. CAMPOS, J. L. Formação de palavras derivadas da língua portuguesa. *RLP*, ano XVI, nº 68, 1935.
14. CHAVES DE MELO, G. *Iniciação à filologia e à lingüística portuguesa*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1981.
15. CHOMSKY, N. Remarks on nominalization. In: ____ (org.) *Readings in english grammar*. Waltham: Gimm, 1970.
16. COROMINAS, J. *Dicionário crítico etimológico*. Madrid: Editorial Gredos, 1987.
17. CUNHA, A.G. da. *Dicionário etimológico Nova Fronteira*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.
18. CUNHA, C. F. *Gramática normativa da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: MEC/FENAME, 1975.
19. CUNHA, C. & CINTRA, L.F.L. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
20. FERREIRA, A. B. de H. *Dicionário Aurélio eletrônico – Século XXI*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
21. GÓES, C. *Dicionário de afixos e desinências*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1937.
22. _____. *Dicionário de raízes e cognatos da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: P. de Azevedo, 1945.
23. GONÇALVES, C.A.; COSTA, R.G.R. Um caso de distribuição complementar no léxico: os sufixos agentivos denominais. *Letras & Letras*, 13 (01) : 21-36. Edufu, 1997.

24. GONÇALVES, C. A.; COSTA R.G.R.; YACOVENCO, L.C. Condições de produtividade e condições de produção: uma análise das formas X-eiro no português do Brasil. *Alfa*, 42: 33-62. Unesp, 1998.
25. GONÇALVES, C. A. *Flexão e Derivação em português*. Rio de Janeiro:UFRJ, 2004a.
26. _____. *Estudos em morfo-pragmática e morfologia diacrônica*. São Paulo: Booklink, 2004b.
27. JACKENDOFF, R. Morphological and semantic regularities in the lexicon. *Language*, 51:639-71, 1975.
28. JOSEPH, B. Diachronic Morphology. In: SPENCER, A.; ZWICKY, A. (eds.). *The handbook of morphology*. London: Basil Blackwell, 1998.
29. LUFT, C.P. *Gramática resumida: explicação da Nomenclatura Gramatical Brasileira*. Porto Alegre: Globo, 1978a.
30. _____. (1978b). *Moderna gramática brasileira*. Porto alegre: Globo, 1978b.
31. MACHADO, J.P. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Lisboa: Conferência Editorial, 1967.
32. MADEIRO, G. de A. Da segmentação das formas x-logo e x-grafo em português: nova proposta de análise. In: GONÇALVES, C. A. (Org.) (2003). *Inicia – Revista da graduação em Letras da UFRJ*. Nº1, Vol. 1.pág.92-98, 2003.
33. MARINHO, M. A. F. *Questões acerca das formações x-eiro do português do Brasil*. Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: UFRJ/Faculdade de Letras, 2004.
34. MATTHEWS M.H.M. *Morphology. An introduction to the theory of word-structure*. Cambridge: Cambridge University Press, 1974.
35. MATTOSO CAMARA Jr, J. *Estrutura da Língua Portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1970.
36. MATTOSO CAMARA Jr, J. *Dicionário de Filologia e Gramática: referente à língua portuguesa*. Rio de Janeiro: J. Ozon, 1974.
37. MIRANDA, N. *Agentivos deverbais e denominais: um estudo da produtividade lexical*. Dissertação de Mestrado em Lingüística. Rio de Janeiro:UFRJ/Faculdade de Letras, 1979.
38. NASCENTES, A. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1955.

39. RONDININI, R. B. Formações X-ólogo e X-ógrafo no português: uma abordagem derivacional. Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: UFRJ/ Faculdade de Letras, 2004.
40. RONDININI, R. B.; GONÇALVES, C.A.V. Formações X-logo e X-grafo: da composição para a derivação? *Atas do XXII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Coimbra: 2006.
41. SANDMANN, A. J. *Morfologia geral*. São Paulo: Contexto, 1990.
42. VILLALVA, A. *Estruturas morfológicas do português*. Lisboa: Almedina, 2000.

RESUMO: Este artigo analisa as formações X-logo e X-grafo, tipicamente consideradas composição via radicais eruditos, e admite uma reclassificação dos processos envolvidos, bem como da estrutura dos termos em questão (cf. Rondinini, 2004). Dessa forma, apresentamos as formações X-ólogo e X-ógrafo que se formam, na atualidade, por processos de derivação sufixal. Fundamentamos a análise nos pressupostos teóricos da Morfologia Derivacional, segundo Basílio (1980) e Villalva (2000). Evidenciamos as generalidades e especificidades dos grupamentos semânticos, estabelecendo Regras de Formação de Palavras e/ou Regras de Análise Estrutural, conforme a necessidade de cada grupo.

PALAVRAS-CHAVE: Morfologia Derivacional; Regras de formação de palavras (RFP); Regras de análise estrutural (RAE).

ABSTRACT: This paper analysis the formations X-logo and X-grafo, typically known a composition through erudites radicals, and admits a new classification of the envolved processes as well as the structure of terms in question (Rondinini, 2004). Likewise, we present the formations X-ólogo and X-ógrafo which, in our days, are built by the processes of suffix derivation. Such analysis is based on theoretical pressupposings of the Derivational Morphology, according to Basílio (1980) and Villalva (2000). We called attention to the generalities and especification of the semantic groups, stablishing Rules of Word Formation and/or Rules of Structural Analysis, according to the need of each specific group.

KEYWORDS: Derivational Morphology; Rules of word formation; Rules of structural analysis.

RESUMEN: Este artículo analiza las formaciones X-logo y X-grafo, típicamente consideradas composición vía raíces eruditas, y admite una reclasificación de los procesos implicados, bien como de la estructura de los términos en cuestión (cf. Rondinini, 2004). De esa forma, presentamos las formaciones X ólogo y X-ógrafo que se formam, en la actualidad, por procesos de derivación sufixal. Fundamentamos el análisis en los presupuestos teóricos de la Morfología Derivacional, según Basílio (1980) y Villalva (2000). Evidenciamos las generalidades y especificidades de los agrupamientos semánticos, estableciendo Reglas de Formación de Palabras y/o Reglas de Análisis Estructural, conforme la necesidad de cada grupo.

PALAVRAS CLAVE: Morfología Derivacional; Reglas de formación de palabras (RFP); Reglas de análisis estructural (RAE).

Recebido no dia 05 de dezembro de 2008.

Artigo aceito para publicação no dia 12 de janeiro de 2009.